



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

RAQUEL FIGUEIREDO DO NASCIMENTO

**DIVINDADES AFRICANAS NAS TIRINHAS DE *UM SÁBADO QUALQUER* DE
CARLOS RUAS**

**GUARABIRA
2021**

RAQUEL FIGUEIREDO DO NASCIMENTO

**DIVINDADES AFRICANAS NAS TIRINHAS DE *UM SÁBADO QUALQUER* DE
CARLOS RUAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Área de concentração: Educação Étnico-racial na Educação Infantil e Intermédias.

Orientador: Prof. Me. Julio César Pereira dos Santos

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N234d Nascimento, Raquel Figueiredo do.
Divindades africanas nas tirinhas de Um sábado Qualquer de Carlos Ruas [manuscrito] / Raquel Figueiredo do Nascimento. - 2021.
54 p. : il. colorido.

Digitado.
Monografia (Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.
"Orientação : Prof. Me. Julio César Pereira dos Santos , Coordenação do Curso de História - CH."
1. Um Sábado Qualquer. 2. Religiões Afro-brasileiras. 3. Tiras Cômicas. 4. Educação Infantil. I. Título
21. ed. CDD 372.24

RAQUEL FIGUEIREDO DO NASCIMENTO

DIVINDADES AFRICANAS NAS TIRINHAS DE *UM SÁBADO QUALQUER* DE
CARLOS RUAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Área de concentração: Educação Étnico-racial na Educação Infantil e Intermédias.

Aprovada em: 25/06/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Julio César Pereira dos Santos (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/PPGH)



Prof. Dr. Waldecy Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)



Prof. Ms. Daniel Torquato Fonseca de Lima
Colégio da Polícia Militar Estudante Rebeca Cristina Alves Simões (SEE-PB)

A minha mãe (*in memoriam*) que sempre me ensinou a importância da educação,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido orientador Julio César, pela paciência de me ajudar na escrita deste trabalho.

Ao meu companheiro de vida Rodrigo Rafael por me auxiliar em todos os momentos.

À minha amiga Genilma Ricardo que sempre me ajuda e apoia.

À minha mãe (*in memoriam*) que me ensinou todos os valores mais importantes da vida.

“Aquilo que chamamos de religiosidade afro-brasileira está nos detalhes mais simples das raízes da nossa cultura e foi aprendido na vivência. Por isso, é compreensível que as heranças africanas de mais de três séculos ainda persistam nos rituais de hoje em dia” (BRANDÃO, 2010, p. 71)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar as tiras cômicas do livro *Boteco dos Deuses* (2012) de Carlos Ruas, criador do blog *Um Sábado Qualquer*, como possibilidade metodológica para as aulas das turmas de 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo da pesquisa é selecionar algumas tiras que apresentem divindades africanas ou temas relacionados às religiões de matriz africana, discuti-las de forma crítica, pensando as dificuldades e possibilidades de trabalhar com as tiras em sala de aula a fim de tentar resolvê-las, assim como, buscar meios de utilizar as divindades africanas que aparecem nas tiras para pensar os conteúdos relacionados a religiosidade afro-brasileira. Para tanto, discutimos sobre as religiões afro-brasileiras a partir das tiras cômicas. Para embasar a discussão sobre quadrinhos e tiras cômicas utilizamos (EISNER, 2005), (RAMOS, 2007), (SANTOS; VERGUEIRO, 2012), (EISNER, 1999) e para discutir sobre religiões afro-brasileiras e educação recorremos a (OLIVEIRA, 2010), (GABARRA, 2010), (SOUZA, 2010), (CAVALLEIRO, 2006), (SANTOS, 2010), (PRANDI, 1998), (PRANDI, 2000) e (PRANDI, 1990). Concluímos, então, que as tiras cômicas do *Boteco dos Deuses* são uma ótima metodologia a ser utilizada na sala de aula, principalmente, quando os conteúdos em questão forem relacionados às religiões afro-brasileiras.

Palavras-Chave: Um Sábado Qualquer. Religiões Afro-brasileiras. Tiras Cômicas. Educação Infantil.

ABSTRACT

This paper aims to present the comic strips from the Book Boteco dos Deuses (2012) by Carlos Ruas, creator of the Blog Um Sábado Qualquer, as a methodological possibility for the 5th grade classes of the early years of elementary school. The goal of the research is to select some strips that feature African deities or themes related to religions of African matrix, discuss them critically, thinking about the difficulties and possibilities of working with the strips in the classroom in order to try to solve them, as well as seek ways to use the African deities that appear in the strips to think about content related to Afro-Brazilian religiosity. To do so, we discussed Afro-Brazilian religions through the comic strips. To support the discussion about comics and comic strips we used (EISNER, 2005), (RAMOS, 2007), (SANTOS; VERGUEIRO, 2012), (EISNER, 1999) and to discuss Afro-Brazilian religions and education we resorted to (OLIVEIRA, 2010), (GABARRA, 2010), (SOUZA, 2010), (CAVALLEIRO, 2006), (SANTOS, 2010), (PRANDI, 1998), (PRANDI, 2000) and (PRANDI, 1990). We conclude, then, that the Boteco dos Deuses comic strips are a great methodology to be used in the classroom, especially when the content in question is related to Afro-Brazilian religions.

Keywords: Um Sábado Qualquer. Afro-Brazilian religions. Comic strips. Early Childhood Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Livro Boteco dos Deuses.....	38
Figura 2 –	Oxalá e Deus	40
Figura 3 –	Oxalá e Merindilogum (jogo de búzios)	42
Figura 4 –	Desenho mais recente de Oxalá.....	43
Figura 5 –	Zeus, Deus e Rá.....	44
Figura 6 –	Deus, Oxalá e Ganesha.....	45
Figura 7 –	Deus, Oxalá, Luciraldo e Odin.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Algumas divindades do Boteco dos Deuses.....	46
Quadro 2 – Conteúdos relacionados às tiras do Boteco dos Deuses.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
USQ	Um Sábado Qualquer

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL	20
2.1	Racismo e religiosidade africana.....	22
2.2	Uma breve discussão sobre o racismo na escola.....	25
3	DISCUSSÃO DAS TIRINHAS COMO POTENCIALIZADOR EDUCACIONAL	28
3.1	Quadrinhos ou tiras?.....	31
3.2	O Boteco dos Deuses em <i>Um Sábado Qualquer</i> de Carlos Ruas	36
3.3	As tirinhas de <i>USQ</i> na educação étnico-racial.....	39
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Pensar a educação no Brasil é compreender que o processo de ensino é amplo assim como a sociedade brasileira. Por muito tempo a educação não se relacionou à temática da diversidade e, por isso, surgiram ideias preconcebidas geradas a partir da falta de conhecimento sobre esse assunto. Segundo o dicionário Priberam a palavra preconceito é a junção de: “(pre- + conceito), sendo a ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial. Pode ser também uma opinião desfavorável que não é baseada em dados objetivos”¹.

Por isso que encontramos tanto preconceito em relação à diversidade no Brasil, pois o conhecimento relacionado a ela não chega à maioria das pessoas e a escola faz com que ideias preconcebidas se consolidem na sociedade a partir do momento que as instituições de ensino não trabalham com essa temática tão relevante.

Nesse contexto de exclusão da diversidade do currículo escolar, falar sobre religiões de matriz africana, por exemplo, se tornou um tabu para muitas instituições de ensino em nosso país, inclusive nos dias de hoje. Por causa da necessidade de tratar sobre essas questões dentro da escola, foi elaborada a lei 10.639/03 que dispõe sobre o ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana no Brasil.

Com a aprovação da Lei 10.639, sancionada em 9 de janeiro de 2003, torna-se obrigatório, no Ensino Fundamental e Médio, o ensino sobre História e Cultura afro-brasileira e africana, o que assinala a necessidade de estabelecer novas diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais no Brasil, que engloba, evidentemente, o estudo dessas disciplinas (SILVA, 2007, p. 40).

A lei é antiga e está em vigor desde 2003, porém até os dias de hoje, muitas escolas ainda não contemplam a educação étnico-racial no seu currículo. O que nos mostra a necessidade de colocar em pauta essa discussão, bem como, pensar em meios que auxiliem os professores a levarem essas temáticas para dentro das salas de aula.

A História e Cultura afro-brasileira e africana geram múltiplas possibilidades de abordagens de conteúdos diferentes que podem ao longo do ano letivo ser consideradas pelos professores nos seus currículos. No melhor dos mundos, essas temáticas deveriam fazer parte do currículo da escola e a partir de então, serem

¹ PRIBERAM DICIONÁRIO. **Definição da palavra preconceito.** Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/preconceito>. Acesso em: 18 mai. 2021.

divididas entre as disciplinas, pois assim, diversas abordagens metodológicas iriam surgir e fortalecer a temática afro-brasileira em sala.

Partindo dessa ideia, uma temática muito interessante a ser trabalhada seria a relacionada às religiões de matriz africana, contudo, a barreira do preconceito em relação a elas é muito forte e deve ser quebrada aos poucos. Nesse sentido, a metodologia escolhida para as aulas pode ajudar no processo de ensino aprendizagem dos conteúdos de modo a trabalhar questões como o preconceito, a diversidade religiosa, o respeito, além do conhecimento sobre a história do Brasil e da África.

O meu interesse em trabalhar com religião surgiu ainda na graduação a partir de uma pesquisa Pibic que rendeu o TCC cujo tema foi: *Símbolos e cerimônias da Igreja Católica que transpassam o tempo: reflexões sobre as visitas pastorais de Dom José Maria Pires - Paraíba, século XX*². Dessa forma, com o interesse de aprofundamento no assunto, busquei saber mais sobre as religiões de matriz africana, além de contribuir com a educação sugerindo a utilização de tiras cômicas como metodologia.

O papel dos educadores em sala de aula é muito importante pois “A esses profissionais cabe a realização de práticas pedagógicas que objetivem ampliar o universo sociocultural das crianças e introduzi-las em um contexto no qual o educar e o cuidar não omitam a diversidade” (BRASIL, 2014, p. 15). A diversidade formadora do Brasil possibilita diversas formas de estudo que podem e devem ser analisadas em sala de aula, como as religiões de matriz africana, por exemplo. Ao estudar essas religiões, o aluno poderá compreender sobre História, Geografia, Biologia, enfim, sobre tudo o que permeia o currículo escolar, sem deixar de lado a diversidade.

Por isso, faz-se necessário à professora e ao professor da educação infantil conhecer mais a fundo o que as culturas de matriz africana significam, como elas estão presentes em nosso cotidiano e na vida dos estudantes, quer sejam negros, brancos ou de outros grupos étnico-raciais. Melhor seria se esses profissionais pudessem vivenciar de maneira mais próxima algumas experiências culturais que expressam publicamente a relação com essa matriz. Essas lacunas em nossa formação pessoal, profissional e política exigem mudanças de posturas e práticas (BRASIL, 2014, p.17).

² NASCIMENTO, Raquel Figueiredo do. **Símbolos e cerimônias da Igreja Católica que transpassam o tempo**: reflexões sobre as visitas pastorais de Dom José Maria Pires - Paraíba Século XX. TCC em História – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018 Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/19330/1/PDF%20-%20Raquel%20Figueiredo%20do%20Nascimento.pdf>. Acesso em: 01/07/2021.

No que se refere ao estudo da diversidade, muitos temas podem ser trabalhados em sala, mas optamos por trazer à tona discussões a respeito das religiões de matriz africana na educação infantil, partindo de uma metodologia que atraísse a atenção das crianças, mas tendo cuidado, pois a intenção do educador não deve ser doutriná-las, mas mostrá-las que essas religiões também fazem parte do nosso país, dessa forma, podendo iniciar discussões a respeito da diversidade presente na nação.

Para tanto, acreditamos que o uso de tirinhas pode ser uma opção metodológica viável, tendo em vista, a linguagem acessível às crianças além da comicidade própria desse gênero literário. As tiras utilizadas neste trabalho serão as produzidas por Carlos Ruas, criador de *Um Sábado Qualquer*³, blog onde o autor publica suas tiras e que depois se transformou em livros devido ao grande sucesso. Diante dos livros publicados, optamos por pautar as discussões deste trabalho a partir do primeiro livro da coleção, o *Boteco dos Deuses* (2012).

Nesse ínterim, acreditamos que no processo de ensino aprendizagem, o educador deve procurar meios de causar curiosidade e interesse nos alunos, principalmente nos da educação infantil, tendo em vista, a sua maneira tão peculiar de ver o mundo. Assim, a série que escolhemos trabalhar foi o 5º ano do ensino fundamental, pois são alunos em idade capaz de estudar de maneira produtiva com as tirinhas de *Um Sábado Qualquer*.

Quando pensamos nesse recurso para estudar a respeito das religiões afro-brasileiras, o escolhemos principalmente por causa da comicidade própria ao trabalho de Carlos Ruas em *Um Sábado Qualquer*. Tal linguagem facilita a comunicação em sala de aula se utilizada da maneira correta. Nesse clima descontraído buscamos gerar discussões sobre as religiões afro-brasileiras, de modo que, o assunto não se torne cansativo ou maçante com uma metodologia atrativa aos olhos das crianças.

Pois acreditamos que:

[...] a religiosidade significa a ligação com a vida e o cosmo que a criança em formação recebe e que o adulto mantém e desenvolve ao longo da vida. Nesse sentido, a religiosidade é base de sustentação da visão de mundo de alguém ou de um grupo, faz parte da herança cultural das pessoas. Dialogar com a religiosidade afro-brasileira e suas inúmeras maneiras de se expressar culturalmente é procurar compreender as visões de mundo e as histórias ali presentes e representadas (GABARRA, 2010, p. 68).

³ Disponível em: <https://www.umsabadoqualquer.com/>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Pretendemos assim, a partir das tirinhas presentes nos livros de Carlos Ruas, separar algumas tiras que apresentem divindades africanas ou temas relacionados às religiões de matriz africana, discuti-las de forma crítica, pensando as dificuldades de trabalhar com as tirinhas em sala de aula a fim de tentar resolvê-las, assim como, buscar meios de utilizar as divindades africanas que aparecem nas tirinhas para pensar os conteúdos relacionados a religiosidade afro-brasileira.

E em meio a grande quantidade de abordagens diferentes, podemos pensar as tirinhas como algo possível, e se bem trabalhado, pode gerar curiosidade nas crianças por causa dos desenhos coloridos, engraçados e a linguagem acessível. Mas para fazer o uso correto dessa metodologia, o professor precisa conhecê-la, para tanto, neste trabalho traremos alguns autores que discutem a temática das tirinhas a fundo como: (EISNER, 2005), (RAMOS, 2007), (SANTOS; VERGUEIRO, 2012), (EISNER, 1999), além de outros autores que tratam sobre a questão étnico racial dentro e fora da escola como (OLIVEIRA, 2010), (GABARRA, 2010), (SOUZA, 2010), (CAVALLEIRO, 2006), (SANTOS, 2010), (PRANDI, 1998), (PRANDI, 2000) e (PRANDI, 1990).

O professor deve apropriar-se do conhecimento acerca das histórias em quadrinhos e das tiras cômicas (que serão mais aprofundadas lá na frente), para que consiga utilizar de maneira satisfatória esses recursos em sala. Mas os alunos também precisam ter seu primeiro contato com as histórias em quadrinhos para entender as peculiaridades desse gênero literário. Pois como iremos discutir no decorrer do trabalho, essa metodologia exige uma forma um pouco mais específica de entendimento, principalmente quando pensamos em tiras cômicas que tem humor, sarcasmo e outras questões por trás do texto, mas que estão intrinsecamente ligadas a ele.

Pois segundo Eisner (1999) a história em quadrinhos pressupõe a leitura, porém em um sentido mais amplo do que o utilizado usualmente devido a quantidade de estímulos gerados durante a leitura, tendo em vista que, no mesmo espaço existem imagens que podem figurar diversos sentimentos, existem palavras que juntas formam um sentido, além dos signos visuais e verbais que serão discutidos ao longo do trabalho, mas que interferem completamente na compreensão da história.

A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo,

gramática, enredo e sintaxe) superpõem-se mutuamente (EISNER, 1999, p.8).

A utilização das histórias em quadrinhos pressupõe uma preparação do professor para conseguir lidar e entender as nuances dessa forma de leitura, a fim de que, os alunos compreendam e usufruam de todas as potencialidades desta metodologia. Nesse sentido, uma opção é ir aos poucos introduzindo histórias em quadrinhos durante as aulas para ir habituando o alunado a esse tipo de leitura e, aos poucos, ir lhes ensinando como ler um quadrinho. Esse processo é muito importante para que as tirinhas de *Um Sábado Qualquer* tenham o resultado metodológico esperado.

Essa opção de ir ensinando aos poucos como ler os quadrinhos é necessária, pois as tirinhas de Carlos Ruas têm um humor muito peculiar, que se não for bem explicado, não será entendido pelas crianças. Por isso, duas coisas são imprescindíveis no processo: introduzir os quadrinhos à rotina das aulas com várias histórias diferentes para que os alunos se acostumem com tal material e, principalmente, dar uma boa aula explicando sobre as religiões afro-brasileiras para que no momento da leitura dos quadrinhos de *Um Sábado Qualquer*, as crianças consigam perceber o humor por trás da história.

Nesse contexto, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) é um ótimo aliado no processo de fortalecimento da leitura escolar. O programa foi desenvolvido em 1997 e tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar⁴.

De acordo com o site do Ministério da Educação, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) divide-se em três ações: PNBE Literário, que avalia e distribui as obras literárias, cujos acervos são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônicas, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos; o PNBE Periódicos, que avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio e o

⁴ Texto retirado do site do Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>.

PNBE do Professor, que tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico.

Dessa forma, o PNBE pode ser utilizado para ter acesso a vários livros de tirinhas, assim como, a outros gêneros literários fazendo com que as crianças tomem gosto pela leitura e o processo de ensino seja muito mais prazeroso e gere resultados muito mais satisfatórios. No site do Ministério da Educação é possível acessar também a relação dos títulos encaminhados aos professores das escolas públicas. Em uma delas consta um livro que trata sobre o ensino de história em quadrinhos que é o “Ensinar e aprender história: histórias em quadrinhos e canções” da Base Editorial Ltda.

Além disso, é possível ter acesso a vários outros títulos de histórias em quadrinhos para os anos iniciais do ensino fundamental com resenhas e discussões sobre cada título por meio do programa PNBE na Escola: Literatura fora da caixa, que disponibiliza o Guia 2: Anos iniciais do Ensino Fundamental⁵.

Portanto, os professores em sala de aula precisam conhecer a fundo as metodologias utilizadas, a fim de explorar todas as suas potencialidades, além de, utilizá-las de forma correta para que deem os frutos desejados. Sendo assim, precisamos entender que “Ler quadrinhos é ler sua linguagem. Dominá-la, mesmo que em seus conceitos básicos, é condição para a plena compreensão da história dentro do processo sociocognitivo interacional de produção do sentido” (RAMOS, 2007, p. 45).

Nesse íterim, no primeiro capítulo deste trabalho discutimos a respeito das religiões de matriz africana no Brasil, fazendo um breve contexto da sua trajetória histórica. Além disso, pensaremos sobre o preconceito que existe em relação às religiões de matriz africana, assim como, o racismo encontrado nas escolas, inclusive nas da educação infantil.

Já no segundo capítulo conceituamos as tiras cômicas de forma mais teórica, depois conheceremos um pouco sobre o autor Carlos Ruas, para assim, conhecermos as divindades africanas e negras presentes nas tirinhas dos livros que escolhemos pesquisar. Por último, buscamos mostrar essas tirinhas como forma metodológica

⁵ Texto retirado do site do Ministério da Educação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15608-guia-ef-leituraforadacaixa-pdf&category_slug=maio-2014-pdf&Itemid=30192

viável para a educação infantil, mais especificamente para o 5º ano do ensino fundamental.

2. AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL

A história das religiões de matriz africana no Brasil tem início quando os africanos são escravizados e trazidos ao país a partir da segunda metade do século XVI. A escravidão inicialmente ocorreu devido “[...] a implantação da plantation, dentro do tripé sesmarias/monocultura canavieira/escravização de africanos, adotada para a colônia [...]” (MELO, 2011, p. 116) a fim de alimentar o mercantilismo português.

Neste contexto, não só Portugal teria uma população rarefeita para tal empreendimento, como, sob a égide do mercantilismo, o Império português articulou sua invasão às terras africanas com o sequestro de sua população ativa para criar um mercado de mão-de-obra forçada para trabalhar as terras invadidas no Brasil. Hoje, acredita-se numa cifra em torno de 4 milhões de africanos sequestrados pelo esquema mercantilismo/escravismo/sesmarialismo (MELO, 2011, p. 116).

A partir do século XVII, a demanda por escravos vai deixando de ser apenas para trabalho nos engenhos de cana de açúcar, pois o Brasil passa a produzir algodão, cacau, fumo, além do trabalho com a pecuária (muito comum no Nordeste), ouro e pedras preciosas, bem como, a produção de café. A mão de obra dos escravizados foi de extrema importância para a manutenção dos interesses econômicos da colônia e mesmo no século XIX ainda encontramos a prática de escravidão no Brasil.

Quando pensamos na religião dos africanos nesse contexto de escravização esbarramos em uma questão importante:

Uma vez em terras brasileiras, a própria política oficial da Coroa, em certos períodos, propiciava o apagamento das origens culturais, não estimulando, com o receio da sublevação, o agrupamento de escravos de mesmas origens [...] não sendo possível para o africano manter língua e cultura originais, obrigado a viver numa miscelânea linguística e cultural que, além de tudo, estava submetida pela cultura brasileira em formação, de língua e costumes de tradição portuguesa (PRANDI, 2000, p. 56).

O processo de apagamento de suas origens, interfere de maneira sem precedentes na sua relação com a religião, pois ao chegar ao Brasil, longe da sua família, amigos, sem referência de lar, de nada, essa pessoa vai de certa forma, esquecer o passado e se deixar levar por esse país em plena formação cultural, social e religiosa. Assim, o catolicismo, que era a religião oficial do Estado português, passa a ficar cada vez mais próximo do povo africano.

Desde sua formação em solo brasileiro, as religiões de origem negra têm sido tributárias do catolicismo. Embora o negro, escravo ou liberto, tenha sido capaz de manter no Brasil dos séculos XVIII e XIX, e até hoje, muito de suas tradições religiosas, é fato que sua religião enfrentou-se desde logo com uma séria contradição: na origem, as religiões dos bantos, iorubás e fons são

religiões de culto aos ancestrais, que se fundam nas famílias e suas linhagens, mas as estruturas sociais e familiares às quais a religião dava sentido aqui nunca se reproduziram (PRANDI, 1998, p.153).

A impossibilidade de culto ao ancestral, centro das suas tradições religiosas, fez com que a mistura de cultos e símbolos ocorresse de maneira paulatina ao longo dos séculos dando contornos diferenciados às suas tradições religiosas. Nesse contexto Prandi afirma:

A história das religiões afro-brasileiras pode ser dividida em três momentos: primeiro, o da sincretização com o catolicismo, durante a formação das modalidades tradicionais conhecidas como candomblé, xangô, tambor de mina e batuque; segundo, o do branqueamento, na formação da umbanda nos anos 20 e 30; terceiro, da africanização, na transformação do candomblé em religião universal, isto é, aberta a todos, sem barreiras de cor ou origem racial, africanização que implica negação do sincretismo, a partir dos anos 60 (PRANDI, 1998, p. 151-152).

Ainda no século XVI, a escravidão chega a todas as regiões do Brasil e com isso as tradições africanas também. Isso gerou a possibilidade de expandir tais ideias, costumes e ritos para várias cidades do Brasil.

As [...] religiões que mantinham vivas tradições de origem africana. Formaram-se em diferentes áreas do Brasil, com diferentes ritos e nomes locais derivados de tradições africanas diversas: candomblé na Bahia, xangô em Pernambuco e Alagoas, tambor de mina no Maranhão e Pará, batuque no Rio Grande do Sul, macumba no Rio de Janeiro. Na Bahia originou-se também o muito popular candomblé de caboclo e o menos conhecido candomblé de egum. O Nordeste foi berço também de outras modalidades religiosas mais próximas das religiões indígenas, mas que cedo ou tarde acabaram por incorporar muito das religiões afro-brasileiras ou as influenciar. Trata-se do catimbó, religião de espíritos aos quais se dá o nome de mestres e caboclos, que se incorporam no transe para aconselhar, receitar e curar. Esse tronco afro-ameríndio tem particularidades em diferentes lugares, sendo chamado de jurema, toré, pajelança, babaçúê, encantaria e cura (PRANDI, 1998, p. 151-152).

Mais à frente na história, especificamente em meados de 1920, surge no Rio de Janeiro a umbanda que depois chega em São Paulo e se espalha pelo Brasil. Com uma mistura de religiões indígenas e africanas, a umbanda surge como uma dissidência do kardecismo “que rejeitava a presença de guias negros e caboclos, considerados pelos kardecistas mais ortodoxos como espíritos inferiores” (PRANDI, 1990, p. 54).

Ultrapassada a primeira metade do século XX, a possibilidade de se escolher o candomblé como religião deixa de ser prerrogativa do negro, abrindo-se a religião afro-brasileira para todos os brasileiros de todas as origens étnicas e raciais. A sociedade branca, que já no início do século criara uma versão mais branqueada do candomblé, a umbanda, capturou então, num outro movimento de inclusão, aquela que durante um século tinha sido a religião dos negros. Já estávamos na sociedade de massa e o candomblé seria o

grande reservatório da cultura brasileira mais próxima da África (PRANDI, 2000, p. 63).

A umbanda então surge não só como uma dissidência do kardecismo, mas também como uma forma de se distanciar do candomblé como uma religião predominantemente negra, a fim de criar uma religião mais à brasileira, por assim dizer.

Nesse contexto de fins do século XX, o candomblé se popularizou no Brasil e passou a acolher todas as pessoas independentemente da cor de sua pele, situação financeira ou qualquer outro critério segregacionista. Assim, pessoas brancas da classe média a partir dos anos 60 deste século, começaram a iniciar-se na religião e a utilizar o culto aos orixás e muitas referências africanas na música, cinema, comidas e nas artes em geral, ajudando assim, a popularizar o candomblé e as referências afro-brasileiras.

Ao longo do processo de mudanças socioculturais aqui esboçado, o culto aos orixás primeiro misturou-se ao culto dos santos católicos para ser brasileiro – forjou-se o sincretismo; depois apagou elementos negros para ser universal e se inserir na sociedade geral – gestou-se a umbanda; finalmente retornou às origens negras para fazer parte da própria identidade do País – o candomblé foi se transformando em religião para todos, iniciando um processo de africanização e dessincretização para recuperar sua autonomia em relação ao catolicismo (PRANDI, 1998, p. 162).

Assim, as religiões afro-brasileiras vêm ganhando espaço, mesmo que ainda sendo estigmatizadas. Nesse ínterim, a cultura por meio dos filmes, novelas e músicas ajudaram nesse processo que é lento, porém constante, desde fins do século passado.

2.1 Racismo e religiosidades africanas

A escravidão segregou os negros do restante da população brasileira. A cor da sua pele era sinônimo de inferioridade e a escravidão era o que restava para essa parcela da população distanciada das suas origens de forma cruel. Assim, as tradições africanas durante séculos não foram vistas com bons olhos.

No início quando os escravizados foram trazidos ao Brasil, lhes foi apresentada uma nova religião, o catolicismo, religião oficial do Estado português que buscava converter todos aqueles que eram pagãos. Foi nesse contexto que as religiosidades ancestrais africanas começaram a ser apagadas devido à dificuldade de culto no país e a necessidade dos africanos de se adaptarem à sua nova realidade. Além disso,

eles tiveram que se deparar com uma língua diferente, assim como, costumes completamente opostos aos seus.

Os europeus a essa época, acreditavam na ideia de que a Europa era o berço da civilização e que, portanto, deveria ditar as novas regras que iriam vigorar na sua colônia brasileira. Nesse contexto, as tradições africanas, as línguas, cultos e comportamentos, assim como, a cor da pele não se encaixava nesse padrão estético europeu. Assim, a ideia de colocar o negro e tudo o que advém dele como inferior, só cresce no Brasil.

E logo passava a significar o imperativo de ser, sentir-se e parecer brasileiro. Os negros não podiam ser brasileiros sem ser ao mesmo tempo católicos. Podiam preservar suas crenças no estrito limite dos grupos familiares — muitas vezes reproduzindo simbolicamente a família e os laços familiares mediante a congregação religiosa, daí a origem dos terreiros de candomblé e das famílias-de-santo —, mas a inserção no espaço maior exigia uma identidade nacional, por assim dizer, uma identidade que refletisse o conjunto geral da sociedade católica em expansão (PRANDI, 1998, p. 154).

Ser católico então, era ser brasileiro, era sentir-se pertencente, era ter uma nova identidade, mesmo que em um contexto de exploração total. Contudo, as práticas religiosas continuavam a ocorrer no dia a dia, nos pensamentos, nas noites da senzala e essa relação sincrética vai perdurar nas religiões afro-brasileiras até os dias atuais como forma de resistência negra.

As religiões de matriz africana eram e ainda são associadas a referências negativas, a relações com o demônio e a um místico maldoso. Por isso, durante muitos anos os negros tiveram que esconder sua religião, rezar na fé católica em público, mas no privado manter suas tradições religiosas e foi isso que fez a religião resistir ao passar dos séculos.

A umbanda então surge desse sincretismo religioso a fim de se distanciar ao máximo dessa matriz africana, ou seja, ligada ao preconceito e alimentada por ele de início. O próprio termo umbanda também foi alvo de preconceito, mesmo que grande parte de seus adeptos no início fossem brancos de classe média. Isso ocorreu devido a relação dessa religião com as matrizes africanas.

Tratava-se de “limpar” a religião nascente de seus elementos mais comprometidos com a tradição iniciática secreta e sacrificial, tomando por modelo o kardecismo, que expressava ideais e valores da nova sociedade capitalista e republicana, ali na sua capital. Os passos decisivos foram a adoção da língua vernácula, a simplificação da iniciação, a eliminação quase total do sacrifício de sangue. Manteve-se o rito cantado e dançado dos candomblés, bem como um panteão simplificado de orixás, já porém havia

muitos anos sincretizados com santos católicos, reproduzindo-se um calendário litúrgico que segue o da Igreja Católica (PRANDI, 1998, p. 156).

A falta de conhecimento alimenta o preconceito que se espalha para as pessoas. A esse respeito, Prandi corrobora que “A religião dos orixás conserva sua imagem de culto de mistérios e segredos, o que implica a idéia de perigo e risco no imaginário popular, fato que realimenta o preconceito” (PRANDI, 1998, p. 160-161).

Essa ideia de perigo, medo, inferiorização e até a demonização das religiões negras, surgem ainda no período colonial no Brasil.

O catolicismo buscou ao longo da história, meios de fortalecer e ampliar seus domínios e para tanto se beneficiou da relação que mantinha com o Estado português, levando o cristianismo para várias colônias, inclusive para o Brasil. Nesse processo de colonização eram realizados tanto os desejos do Estado quanto os da Igreja, pois as colônias seriam fonte de riquezas e de gentios para catequização (NASCIMENTO, 2018, p. 10).

Dessa forma, a Igreja Católica contribuiu para a disseminação do preconceito no Brasil, na medida em que outras religiões que não fossem a oficial do Estado Português, a católica, eram impedidas de existir. Assim, as religiosidades indígenas, assim como, as negras, foram consideradas heréticas, reprimidas e substituídas pelo culto ao Deus cristão.

Esse processo de inferiorização e até demonização das religiões afro-brasileiras fez com que o preconceito ao longo da história só crescesse, colocando seus fiéis à marginalidade e protagonizado manchetes como essas: “Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?” (BBC Brasil, 2016)⁶; “Adeptos de religiões afro-brasileiras relatam preconceito em sala de aula” (O Globo, 2017)⁷; “Por liberdade religiosa, cultos afro lutam contra o preconceito em vários níveis” (RBA Rede Brasil Atual, 2014)⁸.

Portanto, é essencial falar sobre esses temas, mostrar a diversidade religiosa existente no Brasil, discutir sobre a intolerância religiosa e tornar esse conhecimento

⁶ PUFF, Jefferson. BBC NEWS BRASIL. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?** Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_ip_rm. Acesso em: 06 jun. 2021.

⁷ GRANDELLE, Renato; FERREIRA, Paulo. O GLOBO. **Adeptos de religiões afro-brasileiras relatam preconceito em sala de aula.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/adeptos-de-religioes-afro-brasileiras-relatam-preconceito-em-sala-de-aula-21410722>. Acesso em: 06 jun. 2021.

⁸ IGLECIO, Patrícia. RBA REDE BRASIL ATUAL. **Por liberdade religiosa, cultos afro lutam contra o preconceito em vários níveis.** Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/09/intolerancia-religiosa-582/>. Acesso em: 06 jun. 2021.

público, pois só assim, as pessoas terão contato com as religiões de matriz africana e essa ideia de misticismo deixará aos poucos de existir dando lugar ao respeito e a convivência pacífica. “Ao negar o sincretismo, deixando para trás a religião da Igreja, seus ritos e santos, o novo candomblé se põe em pé de igualdade com o catolicismo, deixa de ser religião subalterna, já não se vê a si mesmo como a religião do escravo” (PRANDI, 1998, p. 164).

2.2 O racismo na escola

Pelos menos metade do dia de uma criança se passa na escola, na companhia dos colegas e professores. Tal convívio pode ser prazeroso e enriquecedor para elas a partir do momento que questões como respeito, empatia, amor e cuidado além das matérias curriculares, são passadas cotidianamente dentro das dependências da escola. Quando paramos para pensar nesse tempo todo de convívio, percebemos a importância da escola na formação de boa parte do que as crianças conhecerão sobre os colegas, sobre elas mesmas, bem como sobre o mundo que as cercam.

Além disso, questões como os preconceitos de várias ordens e o racismo, devem ser encaradas com a devida importância, pois entram no espaço do respeito e da empatia ensinados sempre. Souza traz uma boa definição de preconceito:

Segundo definição do Dicionário de relações étnicas e raciais⁹, o termo preconceito vem do latim *prae*, antes, e *conceptu*, conceito, que pode ser explicado como um conjunto de crenças e valores aprendidos, mesmo não havendo nenhum contato ou experiência compartilhada anteriormente, podendo ser um fenômeno individual ou social. O preconceito social está ligado às classes sociais, às atitudes ou ideias formadas antecipadamente, sem fundamento razoável e de maneira desfavorável em relação aos vários elementos sociais, grupos e culturas (SOUZA, 2010, p. 77).

Reiteradamente no cotidiano escolar, o preconceito aparece, às vezes, até sem que a própria pessoa que o dissemina perceba. Dessa forma, educadores e a comunidade escolar em geral, devem observar suas palavras e ações diante dos estudantes, pois os adultos são referência para as crianças e tudo o que eles fizerem, os pequenos irão repetir. A família e amigos das crianças também contribuem para a formação do preconceito, o que somados ao convívio social escolar podem formar crianças preconceituosas e racistas, muitas vezes.

⁹ CASHMORE. Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. Tradução: Dinah Kleve. São Paulo: Summus, 2000.

No caso particular do sistema de ensino, tendo em vista que o racismo opera de maneira tanto consciente quanto inconsciente, as pesquisas acadêmicas indicam os profissionais da educação como agentes reprodutores da discriminação e do racismo no espaço escolar, desde aqueles que atuam em educação infantil, até mesmo aqueles que atuam em níveis escolares mais elevados. Não por outro motivo, a subjetividade e a afetividade nas relações estabelecidas no cotidiano escolar são aspectos a serem levados em conta quando da análise das desigualdades no desempenho escolar e das taxas de acesso e permanência entre crianças negras e brancas no cotidiano escolar (CAVALLEIRO, 2006, p. 82).

Outra questão importante para o desenvolvimento do racismo na escola é o currículo, pois mesmo havendo a obrigatoriedade por lei dos conteúdos sobre história e cultura brasileira e africana, muitas escolas ainda não inseriram tais assuntos nos seus currículos ou se o fizeram, não trouxeram à tona o racismo e as outras formas de preconceito encontradas na escola.

Pensar na formação docente para infância com um currículo de valorização cultural que contemple as nossas origens africanas, pautado na diáspora, é um caminho de luta contra o racismo. Buscar estudos e ações que considerem o ensino e a pesquisa da história do povo africano a marca de um povo arrancado, de maneira trágica, de seu continente, lugar de uma rica cultura construída por povos de 53 países, é imprescindível para a construção de um currículo pautado na valorização da diversidade racial (SOUZA, 2010, p. 75).

Dessa forma, uma educação pautada na diversidade, que discute o racismo, o respeito e percebe suas falhas nesse sentido e busca melhorar, é o que o Brasil precisa. A escola além de todas as funções acadêmicas, também tem o seu papel social e ajuda na construção da identidade das crianças, que se respeitadas serão adultos seguros de si, fortes e que também irão respeitar o próximo, mas se a escola faz o oposto, os alunos não terão uma boa autoestima, se sentirão excluídos, tristes e podem até deixar de se interessar pela escola por não se sentir bem naquele espaço.

Nesse processo gradativo de desenvolvimento, a criança, além de aprender a “realidade objetiva”, desenvolverá também uma subjetividade: aos poucos, tomará consciência de que possui características físicas e emocionais e atributos próprios – seu autoconceito –, elaborando imagens a respeito de si que a diferenciem das demais pessoas. No curso desse desenvolvimento, o autoconceito e a auto-imagem – a avaliação que o indivíduo estabelece em relação às suas características próprias, bem como aos seus atributos –, de maneira dinâmica, integrarão a construção da identidade, que incluirá ainda elementos fundamentais, como o gênero e a raça (CAVALLEIRO, 2006, p. 85).

As pessoas que fazem parte da comunidade escolar, não podem ser favoráveis, nem tampouco, propagarem o preconceito e o racismo, assim como, qualquer outra forma de discriminação entre as crianças. Lutando para que notícias

como essas deixem de fazer parte das manchetes dos jornais pelo país: “Crianças de religiões afro se sentem discriminadas nas escolas” (EBC, 2015)¹⁰; “Alunos de religiões afro-brasileiras relatam preconceito em sala de aula” (Portal Geledés, 2017)¹¹. Tais notícias são de anos diferentes e nos mostram que mesmo com o passar do tempo, o preconceito religioso é algo muito comum, principalmente nas escolas, onde esse tema ainda é um tabu.

Portanto, a relação entre os alunos e a comunidade escolar deve ser pautada no respeito. Mas é importante entendermos, como profissionais da educação que somos, que muitas vezes teremos algumas ações ou opiniões que não são as corretas, mas o importante é buscarmos sempre superar esses desafios. Pois a escola tem um papel social considerável na construção de uma sociedade mais respeitosa e empática que ajuda na construção do sentimento de pertencimento social das crianças, assim como, nas suas identidades.

¹⁰ NOGUEIRA, Pedro Ribeiro. EBC. **Crianças de religiões afro se sentem discriminadas nas escolas**. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/educacao/2015/05/escola-e-o-espaco-onde-criancas-de-religioes-afro-mais-se-sentem-discriminadas>. Acesso em: 06 jun. 2021.

¹¹ SEM AUTOR. PORTAL GELEDÉS. **Alunos de religiões afro-brasileiras relatam preconceito em sala de aula**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alunos-de-religioes-afro-brasileiras-relatam-preconceito-em-sala-de-aula/>. Acesso em: 06 jun. 2021.

3. DISCUSSÃO DAS TIRINHAS COMO POTENCIALIZADOR EDUCACIONAL

O exercício da docência traz consigo muitos desafios e um deles é a metodologia, sobretudo, quando pensamos em aulas para crianças do 5º ano do ensino fundamental. Os assuntos devem ser apresentados de forma lúdica, interessante, de modo a facilitar a compreensão do que foi ensinado. E as vezes encontrar uma metodologia capaz de se encaixar nesses critérios pode ser algo muito difícil, principalmente se o professor não procura se atualizar, ler ou conversar com seus pares no intuito de encontrar novas saídas metodológicas.

Ser professor pressupõe nunca parar de estudar, pois o mundo continua em transformação e todos os dias surgem novas questões a partir da internet, pesquisas nas universidades, conceitos novos, assim como, tecnologias que podem ser conhecidas pelos docentes, pois tudo isso pode favorecer o exercício da sua profissão.

É partindo dessas questões que tentaremos mostrar as tiras cômicas como uma possibilidade para as aulas na educação infantil, pois enxergamos nelas a possibilidade de trabalhar leitura, escrita, interpretação de textos verbais e não verbais, História, Geografia enfim, são muitas as possibilidades.

As histórias em quadrinhos comunicam uma “linguagem” que se vale da experiência visual comum ao criador e ao público. Pode-se esperar dos leitores modernos uma compreensão fácil da mistura imagem-palavra e da tradicional decodificação de um texto. A história em quadrinhos pode ser chamada “leitura” num sentido mais amplo que o comumente aplicado ao termo (EISNER, 1999, p. 7)

Mas nem sempre essa relação entre quadrinhos e educação foi bem vista como nos mostra Santos e Vergueiro:

De fato, a relação entre quadrinhos e educação nem sempre foi amigável, passando por momentos de grande hostilidade e outros de tímida cumplicidade, quando alguns professores mais ousados se atreveram a utilizá-los em sala de aula. Tratava-se de aplicações esporádicas, marcadas muito mais pela ousadia e entusiasmo de seus propositores do que propriamente por correção metodológica (SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p. 82)

Essa quase aversão aos quadrinhos ocorria, dentre outros motivos, pelo fato deles não serem encarados como uma forma de leitura, pela linguagem considerada inacessível, e principalmente, por muitas pessoas verem esse gênero literário como algo inferior se comparado aos grandes clássicos da literatura.

Contudo, os quadrinhos podem sim ser encarados como uma forma de leitura capaz, inclusive, de ajudar no processo de alfabetização das crianças e no aprimoramento do letramento nos anos iniciais do ensino fundamental.

Tal como no uso de quadrinhos para expressar a passagem do tempo, o enquadramento de imagens que se movem através do espaço realiza a contenção de pensamentos, idéias, ações, lugar ou locação. Com isso, o quadrinho tenta lidar com os elementos mais amplos do diálogo: a capacidade decodificadora cognitiva e perceptiva, assim como a visual. O artista, para ser bem-sucedido nesse nível não verbal, deve levar em consideração a comunhão da experiência humana e o fenômeno da percepção que temos dela, que parece consistir em quadrinhos ou episódios (EISNER, 1999, p. 38).

Dessa forma, entendemos que a compreensão dos quadrinhos vai além do que está posto nas imagens criadas pelo autor. As ideias preconcebidas do leitor também influenciam na leitura do que foi posto, por isso, esse gênero pode ser usado para discutir por exemplo o preconceito, por ser mais engraçado, trata do tema de forma mais leve, abrindo espaço para uma discussão acessível às crianças. Pois, segundo Ramos: “A palavra pode interferir no processo de leitura e compreensão, mas não detém a exclusividade do sentido” (RAMOS, 2007, p. 88).

Sendo assim, a questão de como levar essa metodologia para dentro da sala de aula é algo importante a se pensar, pois a utilização desse material não implica apenas a leitura do que está explícito, inclui também o que está implícito, a bagagem dos alunos em relação ao assunto em questão aos quadrinhos, a intenção do autor, o nível do letramento dos alunos e a capacidade do professor de conhecer a fundo essa metodologia, assim como, a capacidade de lidar bem com ela, pois como veremos mais a frente, cada componente de um quadrinho está relacionado a um significado. Portanto, o professor deve estar preparado para utilizar esse recurso.

[...] a utilização dos quadrinhos na educação ainda necessita de reflexões que subsidiem práticas adequadas e levem a resultados concretos em relação ao aprendizado. Ter álbuns e revistas de quadrinhos disponíveis nas salas de aula ou nas bibliotecas escolares não implica, necessariamente, no uso correto do material por parte dos professores. É sempre bom lembrar que as histórias em quadrinhos são produzidas para públicos diferenciados (infantil, adolescente ou adulto) e, portanto, não podem ser usadas indiscriminadamente (SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p. 84).

Ou seja, as histórias em quadrinhos são criadas para um público específico, mas isso não impede que o professor as utilize em suas aulas desde que prepare o terreno para isso. Mas como fazer? Inicialmente, o professor deve familiarizar os estudantes a esse gênero literário utilizando desde aqueles com leitura mais simples,

até os que exigem uma capacidade de letramento¹² maior. É preferível que nesse momento, os estudantes escolham os títulos que mais lhes chamam atenção. Esse processo é importante para que as crianças conheçam esse gênero e aprendam a perceber os fatos implícitos e explícitos no texto, pois isso será imprescindível, quando mais a frente, as tiras cômicas forem introduzidas às aulas. Pois entendemos que “[...] não basta “ler” apenas o elemento textual (diálogos e textos narrativos) de uma história em quadrinhos. É preciso ir além” (SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p. 85).

Depois da turma familiarizar-se com o gênero quadrinhos, o professor pode introduzir as tiras cômicas relacionadas a algum assunto estudado em sala. O professor também pode ler uma tirinha qualquer, desde que, os alunos consigam fazer algum tipo de relação a situações, ideias, lugares ou qualquer coisa que faça parte do seu universo. Essa ideia foi apresentada por Eisner em seu livro *Narrativas Gráficas* no qual ele explica para as pessoas que trabalham escrevendo e desenhando os quadrinhos:

Para quem você está contando sua história? A resposta a essa pergunta precede o próprio ato de contar uma história porque é uma preocupação fundamental da transmissão. O perfil do leitor - sua experiência e características culturais - tem de ser levado em conta antes que o narrador possa contar a história com sucesso. Uma boa comunicação depende da memória, da experiência e o vocabulário visual do próprio narrador (EISNER, 2005, p. 51).

Dessa forma, a utilização da tira cômica só terá o resultado esperado se o assunto ao qual ela se relaciona fizer parte do cotidiano dos alunos de alguma forma, ou se o conteúdo ao qual ela se relaciona tiver sido bem explicado em sala de aula anteriormente.

É necessária uma triagem do material, separando o que é apropriado às diferentes faixas etárias ou que contém informações relevantes. Empreender atividades práticas a partir das histórias torna as aulas mais dinâmicas e o aprendizado mais prazeroso. E, por fim, é importante lembrar que a leitura de quadrinhos é complexa e não deve se restringir ao texto ou ao enredo; ler e perceber os recursos da linguagem, da estética e da narrativa das narrativas quadrinizadas amplia as significações que podem ser extraídas de seu conteúdo (SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p. 93).

É necessário, portanto, que os alunos consigam entender o assunto para que a comicidade da tira seja percebida. Esse fator é muito importante para estudar as religiões afro-brasileiras, pois dessa forma, o tema antes visto como um tabu, como

¹² Letramento, nesse sentido, está relacionado à capacidade de leitura e interpretação de texto dos alunos, assim como, a sua capacidade de ler o mundo que é criada a partir das suas vivências dentro e fora da escola.

algo misterioso ou até demoníaco, vai sendo percebido como algo engraçado, leve e a barreira do preconceito vai aos poucos sendo desestruturada abrindo caminho para novas possibilidades.

3.1 Quadrinhos ou tiras?

Quando pensamos em quadrinhos e tiras cômicas uma dúvida vem à nossa cabeça: os dois gêneros são a mesma coisa? Apesar de um pouco complicada, é a essa pergunta que tentaremos responder neste capítulo. Para iniciarmos a discussão, é necessário perceber que essa dificuldade de diferenciar e nomear tiras e quadrinhos é antiga. Os pesquisadores divergem quanto à categorização de características que são próprias a um gênero ou a outro. Isso ocorre porque existem tiras, charges, quadrinhos, cartuns, caricaturas e todos têm semelhanças entre si, porém existem aspectos que são únicos em cada um desses gêneros e aí está a maior dificuldade. De início vejamos a definição de quadrinhos:

De acordo com McCloud os quadrinhos – vistos como arte seqüencial (Cf. EISNER, 1999)¹³ – podem ser definidos como: “imagens pictóricas justapostas e outras em seqüência deliberada destinada a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador (1995, p. 9)” (SIMÕES, 2010, p. 38).

Os quadrinhos seriam o que Ramos (2007) chama de “hipergênero” e dentro deles caberiam outros gêneros “menores” como as tiras, por exemplo “[...] que (relacionar-se-iam ao) hipergênero história em quadrinhos, espécie de guarda-chuva para diferentes formas de produção” (RAMOS, 2007, p. 67). Não existe, porém, um consenso entre os autores nos vários meios de comunicação em relação à nomenclatura do que chamamos de “tiras”.

Essa percepção ocorre também na academia. Vários autores se referem às tiras de diferentes maneiras: tira de jornal (FRANCO, 2004)¹⁴, tira diária (CIRNE, 1975)¹⁵, tira jornalística (DISCINI, 2005)¹⁶, tira de humor (RAMOS, 2005)¹⁷, tiras humorísticas (MAGALHÃES, 2006)¹⁸, tiras de jornal (RAMOS,

¹³ EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. Tradução Luíza Carlos Borges. 3a Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

¹⁴ FRANCO, Edgar Silveira. **Hqtrônica** – Do suporte papel à rede internet. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2004.

¹⁵ CIRNE, Moacy. **Para ler os quadrinhos**: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

¹⁶ Referência não encontrada.

¹⁷ Referência não encontrada.

¹⁸ MAGALHÃES, Henrique. **Humor em pílulas**: A força criativa das tiras brasileiras. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.

2006)¹⁹, tirinha (KOCH e ELIAS, 2006)²⁰ ou simplesmente tiras, como faz a maioria dos autores (RAMOS, 2007, p. 109)²¹.

Dentro do gênero “tiras” ainda existe um menor²², as tiras cômicas. Cujas definições seriam, segundo Simões, “[...] uma narração ficcional onde quem age é um personagem ficcional (personagem protagonista, antagonista, coadjuvante ou figurante)” (SIMÕES, 2010, p. 129).

Então, afinal qual seria a relação entre os quadrinhos e as tiras cômicas?

Quadrinhos seriam um grande rótulo, que abarcaria diferentes gêneros, entre eles as tiras (que também comporiam diferentes gêneros). Charges, caricaturas, cartuns e fotonovelas seriam outros gêneros, com características semelhantes, mas não seriam quadrinhos propriamente ditos (RAMOS, 2007, p. 83).

Portanto, por mais que quadrinhos e tiras tenham suas semelhanças, alguns aspectos são próprios a cada um dos gêneros. Como por exemplo, o fato das tiras terem ainda um derivado seu, as tiras cômicas, as quais falaremos mais nos tópicos à frente. O mais importante é entender que os quadrinhos são um gênero maior que abarcam vários outros como as tiras, que também integram outros gêneros como as tiras cômicas. Assim, entender a relação entre tiras cômicas e quadrinhos é muito importante, pois ajuda a evitar confusões comuns aos gêneros e facilitar na hora da leitura dos mesmos.

Os quadrinhos, e conseqüentemente as tiras, possuem características que são muito importantes para que o professor domine e explore com seus alunos em sala de aula. Essas características são o que (RAMOS, 2007) chama de signos, os quais são divididos entre verbais e visuais. Os signos verbais estão relacionados à escrita propriamente dita dos quadrinhos, ou seja, as palavras. Já os signos visuais podem ser divididos entre icônicos, plásticos, de contorno ou podem aparecer todos ao mesmo tempo nos quadrinhos como, por exemplo, as vinhetas, balões, cores, linhas, enfim.

¹⁹ RAMOS, Paulo. Os quadrinhos em aulas de língua portuguesa. In: RAMA, Angela & VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 65-85.

²⁰ KOCH, Ingedore Villaça. Especificidade do texto falado. In: In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil: Volume 1 – Construção do texto falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 39-46.

²¹ RAMOS, Paulo. **Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. Tese (doutorado). USP, São Paulo: 2007.

²² Menor no sentido de um conter o outro, ou seja, o gênero “tiras” contém o gênero “tiras cômicas”.

A primeira questão a ser pensada é a forma como as palavras aparecem nos balões ou fora deles.

As palavras (lidas aqui como um conjunto de grafemas) representam na escrita um signo verbal. Essa escrita pode adquirir diferentes valores expressivos. A cor, mais ou menos escura, por exemplo, diz muito a uma palavra. O processo de escrita envolve também imagens, representações de figuras (RAMOS, 2007, p. 75).

Nesse sentido, as palavras devem ser analisadas com um olhar mais atento. Pois, um quadrinista tem pouco espaço para contar uma história, expor suas ideias, explicar um assunto e, por isso, faz uso de vários recursos para que o leitor consiga entender a mensagem que ele quer passar. É por esse motivo que dizemos que os quadrinhos e tiras exigem mais do que somente a leitura do texto, temos que ir além, pois todos os componentes de uma história têm um valor, sentido e intenções diferentes.

A palavra, ao mesmo tempo que representa o som ou um conjunto de sons, pode adquirir outros significantes. Ocorre uma hibridização de signos verbais e visuais (icônicos, plásticos ou de contorno). Isso fica muito claro nos quadrinhos e é um recurso fartamente utilizado (RAMOS, 2007, p. 61).

Ainda pensando nas palavras, percebemos outras questões que são importantes pontuar. Como por exemplo, “Letras com um tamanho menor indicam fala sussurrada ou em tonalidade mais baixa [...]” (RAMOS, 2007, p. 62). “O negrito, por outro lado, pode sugerir tom de voz mais alto ou uma fala mais emocional [...]” (RAMOS, 2007, p. 62).

O formato da letra também pode ser usado para representar aspectos da personalidade do personagem ou nacionalidade do personagem. Os recursos de informática permitem um leque vasto de caracteres a serem utilizados, cada um indicando um elemento expressivo diferente, evidenciado pelo contexto da história (RAMOS, 2007, p. 62).

Além disso, o traço usado na letra também nos traz muitas informações na hora da leitura.

Como lembra Eguti (2001, p. 90)²³, o traço mais grosso serve também para dar destaque a determinado termo ou expressão, não necessariamente indicando volume de voz mais elevado. Indica apenas uma ênfase que o autor da história quis dar a determinada palavra (figura 7.37). O mesmo efeito pode

²³ EGUTI, Clárcia Akemi. **A representatividade da oralidade nas histórias em quadrinhos**. São Paulo, Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo 2001.

ser obtido com a mudança de cor na escrita da palavra (figura 7.39) ou com um traço, sublinhando o termo (figura 7.38) (RAMOS, 2007, p. 62).

No que se refere à escrita dos quadrinhos, o hífen adquire um sentido diferente do usual em outros textos: "Sugere que o personagem falou de maneira silabada" (RAMOS, 2007, p. 66-67). Já as reticências referem-se à pausa como comumente são utilizadas, mas podem ganhar outras conotações a depender do contexto.

Para além do texto, temos os balões que são os espaços onde as palavras são agrupadas os quais podem possuir diversos formatos. A forma como eles vão ser desenhados vai de acordo com a criatividade dos autores que estão inovando cada dia mais nesse sentido. Ramos nos diz que "O recurso (balão) seria uma forma de representação da fala ou do pensamento, geralmente indicada por um signo de contorno, que procura recriar um solilóquio, um monólogo ou uma situação de interação conversacional" (RAMOS, 2007, p. 46).

A técnica (balões) passou a indicar, inicialmente, o trecho de fala em discurso direto. Tornou-se a maneira visual de o personagem se apresentar em primeira pessoa, uma adaptação do conteúdo indicado por travessões e aspas nos textos literários e jornalísticos. Com os anos, ganhou novos contornos e formatos, indicando também o pensamento [...] Tudo o que fugir ao balão de fala adquire um sentido diferente e particular (RAMOS, 2007, p. 48).

Além disso, (RAMOS, 2007) fala sobre a importância do vocabulário utilizado nos quadrinhos, o qual é pensado para um grupo de leitores específico e para corroborar com a ideia central da história. O vocabulário é uma das formas utilizadas pelo leitor para entender a história e, por isso, ele é tão importante para o quadrinista.

Existem diversos tipos de balões, mas basicamente eles indicam os pensamentos dos personagens ou as falas deles. Nesse sentido, os contornos utilizados nesses balões podem interferir no entendimento do que está sendo dito, por exemplo, quando o personagem está com medo normalmente as linhas são trêmulas o que ajuda a corroborar com a ideia de susto, terror, receio. Mas quando o personagem está pensando, as nuvens são bastante utilizadas na representação do pensamento.

Além disso, as palavras dentro ou fora dos balões são usadas para representar sons dos mais variados que associados ao contorno do balão, ao tipo e formato de letra, a cor utilizada e ao tipo de vocabulário criam o contexto em que aquela palavra se insere e o leitor se sente dentro da história. Outro fator importante nesse processo

é a vinheta, que é a passagem de uma cena para outra e que também de acordo com os signos podem ter diversas significações.

A cena narrativa é recortada e agrupada dentro do quadrinho ou vinheta. A linha de contorno serve para delinear o espaço do quadrinho e para acrescentar informações de diversas ordens, conforme o signo de contorno utilizado e o contexto da história. Podem ocorrer situações, como visto, em que não há quadrinho, que é inferido no processo de leitura (RAMOS, 2007, p. 45).

Nesse sentido, é importante lembrar que “Um signo não se sobrepõe ao outro. O processo de formação do sentido surge da articulação entre eles, dentro do contexto sugerido pela história. Todos os signos são explicados por meio da verbalização escrita [...]” (RAMOS, 2007, p. 7).

Um aspecto muito comum nas histórias em quadrinhos é a utilização de estereótipos os quais também são encontrados com frequência nas tiras cômicas.

A arte dos quadrinhos lida com reproduções facilmente reconhecíveis na conduta humana. Seus desenhos são reflexos no espelho, e dependem de experiências armazenadas na memória do leitor para que ele consiga visualizar ou processar rapidamente uma idéia. Isso torna necessária a simplificação de imagens transformando-as em símbolos que se repetem. Logo, estereótipos. Nos quadrinhos, os estereótipos são desenhados a partir de características físicas comumente aceitas e associadas a uma ocupação. Eles se tornam ícones e são usados como parte da linguagem na narrativa gráfica (EISNER, 2005, p. 22)

Como vimos, segundo o autor, os estereótipos servem para facilitar a leitura e o entendimento do leitor na medida em que ele associa a imagem do personagem a uma imagem comum àquele tipo de pessoa, profissão ou lugar, ali representado, mas essa ideia pode se aplicar a qualquer outro tipo de representação encontrada no texto.

Trazendo as tiras mais especificamente à discussão, percebemos que talvez a sua maior diferença em relação aos quadrinhos seja o tamanho da história, ou seja, a pequena quantidade de quadros ou vinhetas, apesar de atualmente alguns autores já estarem criando tiras um pouco maiores que o usual, a expectativa do leitor é encontrar histórias que sejam contadas de forma mais rápida.

O conhecimento do gênero estabelece uma automática expectativa de leitura: o texto (tira) teria um formato fixo, curto e um desfecho inesperado, que levaria ao humor, tal qual uma piada. Essa informação genérica, parte integrante do contexto, envolve um necessário conhecimento da linguagem dos quadrinhos para o processo de construção do sentido. É como uma pessoa que trabalha num computador. Precisa saber uma série de comandos para poder utilizar os programas da máquina. Assim também ocorre nos quadrinhos (RAMOS, 2007, p. 8).

Mais especificamente em relação às tiras cômicas, outro recurso muito utilizado e que confere o teor humorístico da história é a metalinguagem. Ramos nos diz que “O aspecto de metalinguagem é de particular interesse para a análise de tiras cômicas. É muito usado como recurso de humor” (RAMOS, 2007, p. 52-53). Esse toque humorístico se deve a quebra de expectativa comum a esse gênero. “Essa quebra de expectativa lida no final é que criaria o efeito de humor da tira cômica, como nas piadas” (RAMOS, 2007, p. 10).

No que se refere a composição/organização de uma tira cômica, Ramos elucida:

[...] um texto como as tiras cômicas é composto por diferentes signos. Há os signos verbais escritos, que reproduzem os elementos da fala por meio de letras, com diferentes expressividades. Há também os signos de ordem visual: signo icônico (que representa as figuras por meio de transformação do real; é percebido por analogia), signo plástico (cor, textura, formas) e de contorno (a linha que envolve os balões, por exemplo). Cada um apresenta significantes visuais (mais abstratos ou menos abstratos) e significados depreendidos por meio da percepção do significante e do contexto (RAMOS, 2007, p. 7)

E para finalizar essa discussão, Ramos faz uma pequena explicação:

A tira engloba características e expectativas de leitura de dois hipergêneros: piadas e histórias em quadrinhos. E, como pudemos demonstrar, circula por ambos. Por isso, nós a vemos como um híbrido de piada e quadrinhos, podendo ser entendida das duas maneiras, conforme o contexto ou objetivo da pesquisa, no caso científico (RAMOS, 2007, p. 67).

Concluimos então, que as tiras cômicas possuem características comuns às histórias em quadrinhos como os signos visuais e verbais, mas tem aspectos apenas seus como a comicidade, por exemplo. Conhecer essas especificidades a fundo fará com que o professor saiba como trabalhar com esse recurso metodológico de forma muito mais fácil.

3.2 O Boteco dos Deuses em *Um Sábado Qualquer* de Carlos Ruas

O *Boteco dos Deuses* é uma criação do quadrinista Carlos Ruas e faz parte de um grande sucesso, *Um Sábado Qualquer*, blog criado por ele em 2011. O próprio site nos traz toda a trajetória do autor como veremos abaixo.

Carlos Ruas é quadrinista, empresário e criador do *Um Sábado Qualquer*, *Mundo Avesso* e *Cães e Gatos*, três universos distintos e criativos que compõem a sua obra. Ruas nasceu em 1985, na cidade de Niterói – RJ e, desde cedo, demonstrou interesse e talento para o desenho. Graduou-se em design gráfico e trabalhou em uma produtora cultural enquanto lançava em 2009, nas redes sociais, o USQ. O sucesso das tirinhas que abordavam as

religiões com humor e irreverência possibilitou que, em 2011, o “Um Sábado Qualquer” fosse um dos blogs de quadrinhos mais acessados do país, conquistando um público diversificado e aberto à reflexão. Aliando a arte ao mundo dos negócios, fundou em 2013 a empresa Um Sábado Qualquer, ampliando a sua atuação como quadrinista ao criar produtos personalizados e comercializá-los online. Em 2014, estreou seu canal do Youtube que conta com animações, curiosidades e mais de 426 mil inscritos. No mesmo ano, criou o “Mundo Averso”, que é definido pelo autor como tirinhas de “filosofia visual”, trazendo reflexões sobre valores, virtudes e ações, entre outras. No ano de 2016, criou os personagens “Cães e Gatos”, com tirinhas que mostram como lidar com as diferenças, os relacionamentos e, acima de tudo, o amor.²⁴

Depois de *USQ* se tornar um sucesso na internet, Carlos Ruas decidiu reunir as tiras cômicas que eram exibidas no blog, em livros, que logo após os lançamentos se tornaram sucessos de vendas. Estes livros compõem uma coleção intitulada *Boteco dos Deuses*, que mostra de maneira engraçada, situações que envolvem deuses de várias culturas, povos, períodos e regiões de diferentes partes do mundo. Como por exemplo, Deus (cristão), Zeus, Odin, Hórus, Oxalá, Buda e até o Google aparece entre eles como forma de crítica social.

Sidney Gusman no prefácio da coleção afirma que

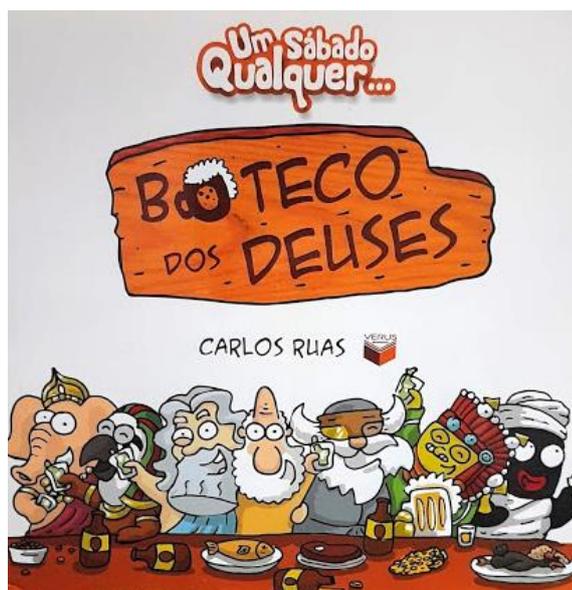
[...] no começo as tiras giravam quase em torno de Deus, Adão, Eva e a criação do mundo, com o passar do tempo o autor resolveu ampliar seu leque de atuação. Afinal, se já estava brincando (de maneira divertida, porém respeitosa, diga-se) com os ícones da fé cristã, por que não estender essa saudável zoação para outras deidades? (RUAS, 2012, p. 3).

O livro usado para as discussões deste trabalho é o *Boteco dos Deuses*, cuja capa será mostrada logo abaixo. Pela capa da publicação já podemos perceber a diversidade de deidades retratadas e a sátira da presença de todos eles em uma mesa de boteco.

A ludicidade e humor das tiras cômicas já aparecem na capa, recurso interessante para gerar curiosidade nas crianças. Além disso, as histórias são curtas fazendo com que o livro seja lido sem muito esforço. Mas antes de iniciar a leitura, é muito importante que o professor contextualize os deuses que aparecem já na capa, discutindo a importância do respeito a todas as religiões no intuito de não favorecer a intolerância religiosa na escola.

²⁴ Toda a biografia e outras informações adicionais sobre o autor estão no blog. Disponível em: <https://www.umsabadoqualquer.com/carlos-ruas-2/>.

Figura 1 - Livro Boteco dos Deuses



Fonte: RUAS, 2012.

Além deste livro, Ruas publicou outros na mesma coleção como o Almanaque dos Deuses (2015), Boteco dos Deuses: livro 2 (2018) e Fique com os Deuses (2018). Entendemos, dessa forma, que ele tem um trabalho amplo e diverso, sendo o Boteco dos Deuses apenas uma parte dele.

As sátiras encontradas nos livros são a maior característica das tiras cômicas, por isso, o professor deve ler com atenção a fim de perceber as críticas sociais e selecionar aquelas tiras que serão utilizadas nas aulas de acordo com o conteúdo em questão após todo o processo de aproximação dos alunos a esse gênero literário. Apesar de Ruas não pensar o seu trabalho para as crianças, ele pode ser usado para esse fim metodológico desde que bem planejado antes pelo professor, pois como afirma Libâneo:

O papel do professor, portanto, é o de planejar, selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar os alunos para o estudo, ou seja, o professor dirige as atividades de aprendizagem dos alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem. Não há ensino verdadeiro se os alunos não desenvolvem suas capacidades e habilidades mentais, se não assimilam pessoal e ativamente os conhecimentos ou se não dão conta de aplicá-los, seja nos exercícios e verificações feitos em classe, seja na prática da vida (LIBÂNEO, 2011, p. 91)

Portanto, o processo de preparação das aulas é muito importante para que o profissional da educação possa exercer bem a sua função e fazer com que suas ideias deixem de ser apenas pensamentos e se tornem ações na sala de aula. Nesse

processo então, organizar as tiras a serem utilizadas é muito importante, pois assim, o educador pode preparar-se para possíveis dúvidas ou até questionamentos dos alunos.

3.3 As tirinhas de **USQ** na educação étnico-racial

Dentre todas as divindades que aparecem nas tiras, podemos destacar uma em especial relacionada às religiões afro-brasileiras, Oxalá²⁵. Ele aparece tanto como figura principal quanto como coadjuvante. As religiões de matriz africana chegaram ao Brasil junto com as pessoas escravizadas e também fazem parte da história do nosso país, devendo ser estudada como algo que compõe o nosso povo até nas pequenas coisas do dia a dia.

O candomblé se esparramou muito rapidamente por todo o país, deixando de ser uma religião exclusiva de negros, a música baiana de inspiração negra fez-se consumo nacional, a comida baiana, nada mais que comida votiva dos terreiros, foi para todas as mesas, e assim por diante (PRANDI, 2000, p. 63).

O processo de expansão do candomblé fez com que os costumes, comidas, palavras, histórias, estilos musicais e de vestimentas africanos fossem incorporados ao Brasil de modo a se confundir com o que já era encontrado aqui. Hoje, essa diversidade faz parte do nosso cotidiano e está intimamente ligada às religiões afro e aí está a importância de estudá-las.

Aquilo que chamamos de religiosidade afro-brasileira está nos detalhes mais simples das raízes da nossa cultura e foi aprendido na vivência [...] para além das doutrinas religiosas, a religiosidade brasileira é diversa e rica em informações sobre nossa história é aprender com esses universos de matrizes africanas, sem necessariamente se converter à religião. O africano é parte da formação social do Brasil e conhecer, valorizar sua contribuição é essencial para nos sustentarmos no coletivo, como nação soberana e, individualmente, como pessoas. A educação formal precisa fazer intersecções com as culturas tradicionais para se tornar mais acessível, mais interessante, mais dinâmica e assim, mais democrática e inclusiva (GABARRA, 2010, p. 71).

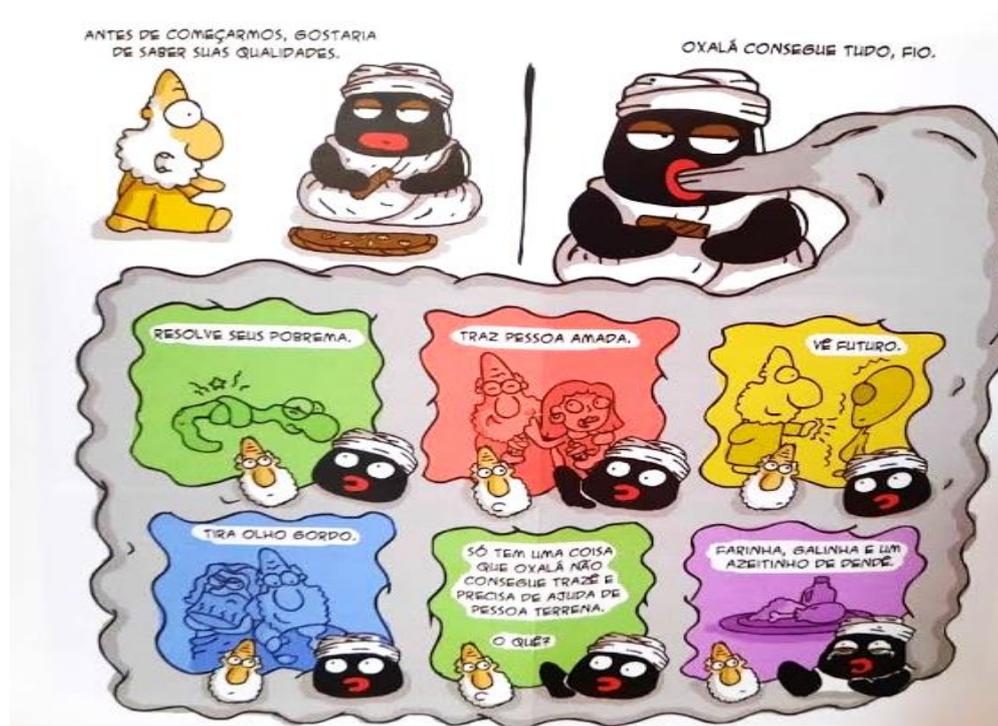
Nesse contexto, então, as tiras cômicas de Carlos Ruas se encaixam. Pois quando ele coloca Oxalá em pé de igualdade com as outras divindades da história,

²⁵ De acordo com os lorubá, Oxalá possui muitos nomes: Oxalufã (Oxalá mais velho), Oxaguiã (Oxalá mais novo), Obatalá ou Orixanlá. Em cada um de seus aspectos foi encarregado por Olorum (O Pai Criador) a manifestar no mundo a sua criação, sendo Oxalá o responsável pela criação da Terra, dos seres humanos e o criador da morte. Como ele é o filho de Olorum, é considerado a segunda pessoa da Santíssima Trindade da Umbanda: Olorum – Oxalá – Ifá, representando o Criador, O Filho do Pai e o Santíssimo Mistério ou Deus Pai – Deus Filho e o Espírito Santo. Disponível em: <https://santuariodeumbanda.com.br/site/locais-para-oferendas/vale-dos-orixas/oxala/>. Acesso em: 19 jun. 2020.

percebemos que a partir daí, já podemos discutir sobre o respeito a todas as religiões, inclusive às afro-brasileiras.

Além disso, cada tira conta uma história baseada em um contexto e utilizando os estereótipos comuns a esse tipo de gênero, como vimos anteriormente. Dessa forma, ao escolher uma tira para fazer uso na aula, o professor deve observar qual estereótipo o quadrinista está empregando e o contexto em que a história se passa. Munido dessas informações, o professor vai discutir com os alunos o assunto da aula usando essa metodologia engraçada e lúdica, mas que pode e deve ter uma crítica por trás. Vejamos a imagem abaixo:

Figura 2 - Oxalá e Deus



Fonte: RUAS, 2012, p.20.

A tira acima mostra Deus e Oxalá. Inicialmente coloca Deus como alguém que não é superior a outra divindade, e sim, alguém que precisa de algum tipo de ajuda, esse é o contexto da história. Alguns estereótipos podem ser observados como a roupa do orixá, a própria aparência das divindades, e o principal, que são as façanhas que Oxalá é capaz de realizar.

A partir daí muito pode ser explorado como, por exemplo, a ideia de que as pessoas de religiões afro-brasileiras são capazes de conseguir qualquer coisa por

meio de trabalhos, encarados muitas vezes, como algo relacionado ao maligno e, principalmente, a ideia negativa por trás das oferendas, que também são associadas ao demoníaco. É importante perceber que a imagem da tirinha não reforça essa ideia de que as oferendas são más como as pessoas leigas comumente acham.

[...] quando somos de fora e fomos criados a partir de outra maneira de ser e estar no mundo, chegamos perto para observar e participar e não entendemos toda a simbologia que ali está presente. Somos confrontados com o diferente, podemos aprender com ele ou criar explicações próprias para justificar o que observamos. A segunda opção está muito próxima do que chamamos de reafirmar um pré-conceito. Se nos ativermos a esses símbolos como uma maneira de contar uma história, procurando desvendá-los, nos permitindo ver com o olho de aprender, podemos aprender em vez de rejeitar (GABARRA, 2010, p. 68-69).

Essa é a ideia principal em relação às religiões afro-brasileiras, aprender em vez de rejeitar. Pois o preconceito está relacionado àquilo que a gente não conhece, e se não fizermos o esforço de conhecer, jamais entenderemos essas religiões de verdade. E isso deve ocorrer não para conversão dos professores e alunos às religiões afro, mas para que a comunidade escolar conheça sobre a religião do outro e aprenda a respeitá-la e para que a história do povo brasileiro seja compreendida a partir do viés da diversidade.

Dessa forma, devemos entender que:

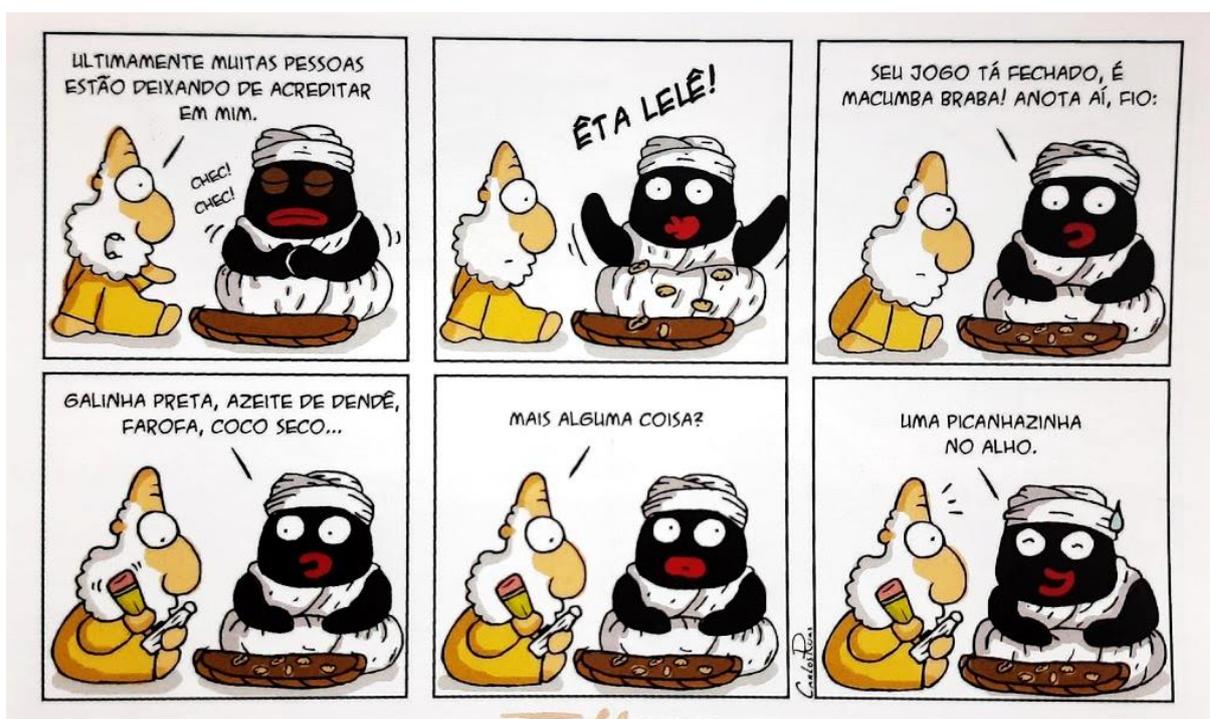
A força impulsionadora do processo de ensino é um adequado ajuste entre os objetivos/conteúdos/métodos organizados pelo professor e o nível de conhecimentos, experiências e motivos do aluno. O movimento permanente que ocorre a cada aula consiste em que, por um lado, o professor propõe problemas, desafios, perguntas, relacionados com conteúdos significativos, instigantes e acessíveis; por outro lado, os alunos, ao assimilar consciente e ativamente a matéria, mobilizam seus motivos, sua atividade mental e desenvolvem suas capacidades e habilidades (LIBÂNEO, 2011, p. 92).

A diversidade deve ser entendida como algo que também perpassa a escola, pois cada pessoa que ali está tem características que são apenas suas e que devem ser respeitadas. Portanto, a cor da pele, o cabelo, as vestimentas, a religião, a composição familiar ou qualquer outra característica comum aos estudantes deve ser vista com respeito e carinho.

Desde a primeira infância, a criança já começa a construir o seu referencial de vida e a escola também faz parte desse processo, por isso, a importância de incentivar boas práticas e favorecer discussões capazes de gerar autoestima, respeito e empatia a fim de contribuir para um ambiente escolar saudável.

Na imagem abaixo, é possível observar que os estereótipos continuam sendo utilizados e duas questões principais podem ser trabalhadas em sala de aula: as ofensas e o meríndilogun (jogo de búzios). O professor pode, principalmente, explicar o conceito dessas práticas a fim de desmistificá-las, mostrando fotos e músicas que fazem referência a essas práticas, pode perguntar, ainda, se os alunos já ouviram falar delas e se sim, o que acham. Tais perguntas podem abrir espaço para uma conversa partindo das opiniões e dos questionamentos que forem surgindo ao longo da aula.

Figura 3 - Oxalá e Meríndilogun (jogo de búzios)



Fonte: RUAS, 2012, p. 21.

A imagem de Oxalá ainda é caricata nas tiras deste livro. Primeiro que a sua pele é muito escura, a boca muito avantajada e até a forma como fala nas tiras é passível de crítica, é possível perceber isso se compararmos suas falas às do Deus cristão. Por isso a importância do educador olhar criticamente para o material a ser usado em sala de aula, pois não apenas nessa tira, mas em outros materiais os assuntos relacionados às religiões afro-brasileiras são repletos de estereótipos negativos. Recentemente, o autor fez uma modificação no desenho de Oxalá de modo

que a sua imagem não é mais caricata e o humor passa a advir do contexto da história e não da sua aparência como mostra a imagem abaixo.

Figura 4 - Desenho mais recente de Oxalá



Fonte: Recorte de quadro vendido no Blog Um sábado Qualquer²⁶

Além de Oxalá, outra divindade negra aparece, Rá que é o deus do sol egípcio. Ele é considerado a principal divindade do panteão egípcio, sendo por isso, figura central da religiosidade desse povo antigo.

Na tira aparecem Zeus²⁷, Deus e Rá numa mesa de bar em uma conversa descontraída falando sobre a beleza das deusas. No final da conversa, demonstrando aquilo que Ramos fala em relação a quebra de expectativa que gera o efeito de humor, Rá fala com uma cara de desagrado que a deusa do seu panteão “tem cara de vaca”. Esse último quadrinho faz com que a tira seja engraçada e pode levar a discussão sobre o antropozoomorfismo dos deuses egípcios, o que explica também a aparência do próprio Rá.

²⁶ Disponível em: <https://www.umalojaqualquer.com/produto/10715/quadro-23x23cm-oxala>.

²⁷ Zeus é pai dos deuses do Olimpo de acordo com a mitologia grega e exerce, por isso, muito poder sobre eles.

Figura 5 - Zeus, Deus e Rá



Fonte: RUAS, 2012, p. 8.

Além disso, o professor pode falar sobre a importância das religiões para a humanidade, pode relacionar essa tira a história do Egito, pode falar sobre a diversidade religiosa da África nessa mesma época, enfim, existem muitas possibilidades. Além disso, podemos notar uma representatividade étnica da divindade (mesmo ela tendo rosto de animal) com o tom da pele mais escuro de seus braços, remetendo aos povos oriundos da África e das regiões próximas que cultuavam a divindade.

Na imagem abaixo, vemos uma cena muito interessante onde Deus, Oxalá e Ganesha estão conversando sobre os sucessos que conseguiram realizar naquele dia. A partir dessa tira, o educador pode conversar com os alunos sobre como as pessoas podem crer em deuses diferentes. Essa é uma discussão muito importante para que eles percebam a diversidade religiosa que existe entendendo-a como algo positivo. Além disso, explicar sobre os deuses que aparecem nas tiras é uma possibilidade muito interessante.

Os desenhos dessa tira, assim como outros, também são estereotipados de forma negativa, mas isso também pode ser colocado em questão e criticado.

Figura 6 - Deus, Oxalá e Ganesha



Fonte: RUAS, 2012, p. 47.

Figura 7 - Deus, Oxalá, Luciraldo e Odin



Fonte: RUAS, 2012, p. 119.

Qual o contexto da tira acima? Está chegando o fim dos tempos e os deuses estão preocupados, pois as pessoas não acreditam mais neles. Oxalá aparece muito triste com a situação, Odin se torna um mendigo e Luciraldo é o nome de que Ruas dá a Lúcifer que se mostra muito engraçado nas tiras em que aparece. Uma questão muito importante a ser pensada com as crianças, é o fato de todas as deidades conviverem juntas de forma amigável e pacífica, de modo que, cada qual tem os seus fiéis, o que não impede a amizade entre eles demonstrada em vários momentos no livro.

Pensando nas divindades africanas presentes no livro, mais especificamente Oxalá e Rá, percebemos que eles aparecem em vários momentos e contextos diferentes, contudo, não cabe aqui mostrar todos eles. Tentamos trazer apenas algumas opções para exemplificar a enorme gama de assuntos e abordagens possíveis a partir dos temas discutidos nas tiras. Mas como já foi frisado em outra parte da escrita, Ruas não escreve para crianças, por isso, o professor deve selecionar com atenção as tiras que estejam com uma linguagem mais próxima àquela comum ao ambiente infantil escolar.

Assim, traremos na tabela abaixo algumas opções de conteúdos possíveis de serem trabalhados na sala de aula a partir das tiras do Boteco dos Deuses, mas que podem e devem ser alterados pelos educadores de acordo com a sua opinião ou necessidade.

Quadro 1 - Conteúdos relacionados às tiras do Boteco dos Deuses

TIRA	CONTEÚDO
Oxalá e Deus	<ul style="list-style-type: none"> ● Quem é Oxalá? ● Como as religiões afro-brasileiras surgiram no Brasil.
Oxalá e Merindilogun (jogo de búzios)	<ul style="list-style-type: none"> ● Práticas religiosas afro-brasileiras. ● Como era a religião nos países de origem das pessoas escravizadas?
Zeus, Deus e Rá	<ul style="list-style-type: none"> ● Quem são essas divindades? ● África: que continente é esse? ● A religião no Egito.

Deus, Oxalá e Ganesha	<ul style="list-style-type: none"> • O que é intolerância religiosa? • Ganesha e outras divindades pelo mundo.
Deus, Oxalá, Luciraldo e Odin	<ul style="list-style-type: none"> • O que é preconceito? • Como respeitar o meu colega?

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

Ao ler o livro percebemos que surgem muitos personagens interessantes ao longo da história, mas como tomaria muito espaço mostrar todos eles, traremos na tabela a seguir as principais divindades, as quais podem ser visualizadas na imagem presente na capa do livro.

Quadro 2 - Algumas divindades do Boteco dos Deuses

Ganesha	Ganesha é um dos deuses mais celebrados no hinduísmo. Ele é filho dos deuses Shiva e Parvati e representa o intelecto, a sabedoria, a fortuna e a prosperidade nesta religião. Na tradição hindu, Ganesha é também conhecido como <i>Vighneshvara</i> no sânscrito, que significa “deus dos obstáculos ou dificuldades”. Este significado está relacionado ao fato de que sua função primária na religião hindu é remover os obstáculos daqueles que o cultuam.
Rá	Rá que é considerado a principal divindade da mitologia egípcia, conhecido como o deus sol, devido a importância da luz para a produção dos alimentos. Segundo a mitologia. Rá além de ser considerado o deus Sol, é também denominado como o criador dos deuses e da ordem divina, teria recebido de seu pai o domínio sobre a Terra, ficando encarregado de concluí-lo.
Zeus	Zeus é o principal deus da antiga religião grega que desempenhava o papel de autoridade sobre todos os doze deuses olímpicos. Na cultura romana seu nome era Júpiter e Tinia na etrusca. O deus é filho do Rei dos Titãs, Cronos, e de Réia, uma das Titãs. Nasceu no Monte Ida, na ilha de Creta e possuía vários irmãos.
Deus	Aquele que os cristãos acreditam ser o criador do universo, que enviou seu filho Jesus para a remissão dos pecados da humanidade.
Odin	Odin é um deus nórdico, senhor da cura, da vida e da morte. Seu culto se espalhou pelo norte da Europa e é chamado de Wotan na mitologia germânica. Retratado como um homem velho, de longas barbas brancas, mas robusto, Odin por vezes aparece vestido como simples peregrino ou com suas armas de guerreiro.
Deus Jaguar	Os olmecas acreditavam no deus Jaguar (onça-pintada). Esse possuía características humanas e desse felino, que era muito

	admirado pelo povo. De acordo com o mito, uma onça-pintada copulou com uma mulher. Dessa relação nasceram vários “homens-onças”, representados por adultos e crianças do sexo masculino. Para eles, foi o Homem-Jaguar que criou a agricultura, a domesticação dos animais e a caça.
Oxalá	Oxalá é o Orixá da vida, considerado como pai de todos, e o maior dos Orixás, para quem todos se curvam. Ele é também conhecido, como o criador dos seres humanos e do nosso mundo

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

Quando pensamos no uso das tiras cômicas de *USQ* nas aulas das turmas de 5º ano, percebemos que existem diversas possibilidades de utilização dessa metodologia que pode ser usada de acordo com os interesses do professor. Tentamos mostrar nessa seção, apenas alguns exemplos de discussões possíveis para ajudar os profissionais da educação a pensarem no uso dessa metodologia em sala e o mais importante, o ensino sobre as religiões afro-brasileiras nas escolas para o combate à intolerância religiosa e ao preconceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No universo de abrangência da lei 10.639/03, muitos conteúdos podem e devem ser abordados em sala de aula, mas neste trabalho buscamos focar na discussão das tirinhas de *USQ* como uma metodologia possível nas aulas sobre religiões afro-brasileiras as turmas de 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Entendemos que ensinar sobre as religiões afro-brasileiras ainda é um tabu para a maioria das escolas do Brasil, por isso, buscamos trazer essa metodologia que pode ser usada nesse processo de ensino, pois o preconceito surge pela falta de conhecimento que as pessoas têm sobre os assuntos, o que as faz criar ideias pré-concebidas, gerando assim, o preconceito.

A intolerância religiosa infelizmente é comum no Brasil e a escola pode trazer à tona esse problema a partir da discussão desses preconceitos e de mostrar que essas religiões também fazem parte do nosso povo desde muitos anos. Além disso, pensar toda a diversidade brasileira, não só a religiosa, é imprescindível para que tenhamos uma sociedade que respeite o outro e a sua individualidade.

O professor pode e deve ajudar nesse processo junto com a comunidade escolar e o uso de uma metodologia atrativa pode facilitar as aulas, principalmente, quando os assuntos ainda são um tabu para a sociedade como as religiões afro-brasileiras e as tiras cômicas são ótimas alternativas nesse processo.

Concluimos, então, que as tiras cômicas do Boteco dos Deuses podem servir metodologicamente na sala de aula, principalmente, quando os conteúdos em questão forem relacionados às religiões afro-brasileiras e podem contribuir para diminuição da intolerância religiosa no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Juliana. **Odin**. TODA MATÉRIA. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/odin/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

_____. **PNBE na escola**: literatura fora da caixa. Elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15608-guia-ef-leituraforadacaixa-pdf&category_slug=maio-2014-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 17 mai. 2021.

_____. Acervo do Professor: **Portaria Resultado e Anexo**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5665-portaria-resultado-anexo-professor-2010-220610-1&category_slug=junho-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 17 mai. 2021.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Relações raciais no cotidiano escolar: implicações para a subjetividade e a afetividade. In: BRANDÃO, Ana Paula. **Saberes e fazeres**: modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. Trad. Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Devir, 2005.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GABARRA, Larissa Oliveira e. Olhar com olhos de aprender: religiosidade afro-brasileira. In: BRANDÃO, Ana Paula (org). **Modos de fazer**: caderno de atividades, saberes e fazeres. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

GRANDELLE, Renato; FERREIRA, Paula. **Adeptos de religiões afro-brasileiras relatam preconceito em sala de aula**. O GLOBO. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/adeptos-de-religoes-afro-brasileiras-relatam-preconceito-em-sala-de-aula-21410722>. Acesso em: 06 jun. 2021.

HIPER CULTURA. **Quem é Ganesha, o deus elefante indiano da sabedoria e prosperidade**. Disponível em: <https://www.hipercultura.com/ganesha-o-deus-elefante-indiano-da-sabedoria-e-prosperidade/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

IGLECIO, Patrícia. **Por liberdade religiosa, cultos afro lutam contra o preconceito em vários níveis**. RBA REDE BRASIL ATUAL. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/09/intolerancia-religiosa-582/>. Acesso em: 06 jun. 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática e trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas. In: **Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança**: diferentes olhares para a didática. LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, M. V. R.; LIMONTA, Sandra Valéria (orgs). Goiânia: CEPED/Editora PUC Goiás, 2011.

MAIS BOLSAS. **Zeus**: deus dos deuses. Disponível em: <https://www.maisbolsas.com.br/enem/religiao/zeus-deus-dos-deuses>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MELO, Josemir Camilo de. Escravos e moradores na transição para o trabalho assalariado em ferrovias em Pernambuco. **Saeculum** - Revista de História; João Pessoa, jul./ dez. 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 17 mai. 2021.

NASCIMENTO, Alexandre Federle do. **Rá**. INFOESCOLA. Disponível em: <https://www.infoescola.com/civilizacao-egipcia/ra/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

NASCIMENTO, R. F. do N. **Símbolos e cerimônias da Igreja Católica que transpassam o tempo**: reflexões sobre as visitas pastorais de Dom José Maria Pires - Paraíba, século XX. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/19330>. Acesso em: 06 jun. 2020.

NOGUEIRA, Pedro Ribeiro. **Crianças de religiões afro se sentem discriminadas nas escolas**. EBC. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/educacao/2015/05/escola-e-o-espaco-onde-criancas-de-religoes-afro-mais-se-sentem-discriminadas>. Acesso em: 06 jun. 2021.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. Religiosidade de matriz africana: desconstruindo preconceitos. In: **Modos de brincar**: cadernos de atividades, saberes e fazeres. BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (orgs). 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

OXALÁ, Pai Paulo de. **Oxalá, o Orixá da vida**. EXTRA. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/oxala-orixa-da-vida-24962960.html>. Acesso em: 20 jun. 2021.

PRIBERAM DICIONÁRIO. **Definição da palavra preconceito**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/preconceito>. Acesso em: 18 mai. 2021.

PORTAL GELEDÉS. **Alunos de religiões afro-brasileiras relatam preconceito em sala de aula**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alunos-de-religoes-afro-brasileiras-relatam-preconceito-em-sala-de-aula/>. Acesso em: 06 jun. 2021.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998

_____. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. **Revista USP**, São Paulo, n.46, p. 52-65, junho/agosto 2000.

_____. Modernidade com feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX. *Tempo Social*; **Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 2 (1): 49-74, 1.sem. 1990.

PUFF, Jefferson. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?** BBC NEWS BRASIL. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm. Acesso em: 06 jun. 2021.

RAMOS, Paulo. **Tiras cômicas e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. Tese (doutorado). USP, São Paulo: 2007.

RUAS, Carlos. **Boteco dos Deuses**. São Paulo: Verus, 2012.

RUAS, Carlos. **Boteco dos Deuses**: livro 2. São Paulo: Nova Sampa Diretriz Editora, 2016.

RUAS, Carlos. **Fique com os deuses**. São Paulo: Nova Sampa Diretriz Editora, 2016.

SANTOS, R. E.; VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **EccoS**, São Paulo, n. 27, p. 81-95. jan./abr. 2012.

SUA PESQUISA. **História dos Olmecas**. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/historia/olmecas.htm>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SANTOS, Marta Alencar dos. Gestão escolar no âmbito da Educação Infantil: enfrentando a discriminação racial. In: **Modos de brincar**: cadernos de atividades, saberes e fazeres. BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (orgs). 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

SIMÕES, Caldas Alex. **A configuração de gêneros multimodais**: um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2010.

SILVA, M. P. da. Novas diretrizes curriculares para o estudo da História e da Cultura afro-brasileira e africana: a Lei 10.639/03. **EccoS**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 39-52, jan./jun. 2007.

SOUZA, Yvone Costa de. Ancestralidade Espelho, espelho meu: as crianças e a questão étnico-racial. In: **Modos de brincar**: cadernos de atividades, saberes e fazeres. BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (orgs). Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

UM SÁBADO QUALQUER. Disponível em: <https://www.umsabadoqualquer.com/>.
Acesso em: 06 jun. 2021.